

preponderante na modelagem das experiências alimentares precoces da criança, este estudo pretende caracterizar o contexto familiar e avaliar de que forma este contexto e o comportamento parental, podem relacionar-se com os padrões alimentares da criança e o seu peso. Foram entrevistadas 14 mães de crianças com diagnóstico de excesso de peso ou obesidade, utentes da Consulta de Obesidade Infantil do Departamento de Pediatria do Hospital de Santarém, EPE. Recorreu-se à entrevista semi-estruturada e a análise dos dados foi feita segundo o método da Grounded Theory. Sublinha-se o tempo que medeia entre o início do aumento de peso e a procura de ajuda por parte das mães, maioritariamente promovido pelos técnicos; e a pouca preocupação das mães com a saúde da criança. Ausência de uma atitude pró-activa, levando à adopção de comportamentos contraproducentes face à perda de peso e sem efectivas alterações do padrão alimentares da criança, revelando uma atitude quase negligente destas mães. As mães desvalorizam sistematicamente a imagem corporal da criança, apesar da existência de indicadores de problemas ligados a esta questão. Tentativa de demissão destas mães do seu papel de cuidadoras à medida que a criança se autonomiza, numa atribuição de responsabilidade pelo excesso de peso exclusivamente à criança.

CONCEPÇÕES INFANTIS SOBRE SAÚDE E DOENÇA

Lígia Lima (lúgia@esenf.pt)¹ & Marina Serra de Lemos²

¹Escola Superior de Enfermagem do Porto; ²FPCE, Universidade do Porto

Na intervenção no domínio da psicologia clínica e da saúde infantil há muito se reconhece a necessidade de estudar as significações da criança acerca dos fenómenos ligados à saúde embora persista algum desconhecimento relativamente ao que pensam as crianças portuguesas sobre o assunto. Este estudo teve como objectivo examinar as concepções de crianças portuguesas e, em particular, testar a adequação de um modelo de categorização das concepções de saúde e doença da criança desenvolvido por Boruchovitch e Mednick (1997, 2002) à nossa população. A amostra constou de 93 crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos de idade e foi recolhida em meio escolar. Recorreu-se à técnica de desenhar e escrever (Pridmore & Lansdown, 1997), sendo pedido às crianças que escrevessem e desenhassem sobre o que significa estar saudável e estar doente. Neste estudo apenas se procedeu à análise dos textos, utilizando uma técnica mista de análise de conteúdo, que oscila entre uma abordagem dedutiva e uma abordagem indutiva, procurando identificar aspectos comuns e possíveis especificidades relacionadas com factores sócio-culturais ou educacionais. Os resultados sugerem que as concepções das crianças da amostra portuguesa são em geral consistentes com as encontradas por Boruchovitch e Mednick (1997, 2002), e que se distribuem por quatro categorias: participação ou não em práticas preventivas, presença ou ausência de problemas de saúde e sintomas, capacidade de realizar actividades exigidas/desejadas e sentimentos gerais de bem-estar e humor. Verificámos também que na medida em que a idade aumenta, os conceitos de saúde e doença se tornam mais complexos e multidimensionais.

EXPRESSÃO LÚDICA EM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Mariana Tavares de Campos, Monique Gianelli, Francisca Yana Souza, Eda Marconi Custódio (mari_tcamos@hotmail.com), & Hilda Rosa Capelão Avoglia

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

O processo de hospitalização afeta o desenvolvimento da criança e conseqüentemente a construção de sua personalidade. Neste contexto, o brincar aparece como um recurso facilitador, que contribui a adaptação da criança a essa nova situação. O presente estudo teve como objetivo caracterizar o brincar de crianças de 3 a 5 anos hospitalizadas. Para isso, realizou-se uma

observação lúdica com cada uma das seis crianças que constituíram nossa amostra, em um hospital municipal infantil em São Caetano do Sul, região do ABC, São Paulo, Brasil. Os registros das observações foram analisados qualitativamente de acordo com os indicadores propostos por Ocampo (1990). A partir dessa análise, foi possível caracterizar-se o brincar destas crianças como: estereotipado e perseverante, sem demonstrações de criatividade e personificação. Apresentaram também uma capacidade simbólica reduzida e um certo comprometimento da funcionalidade motora relacionado aos procedimentos aplicados em virtude da hospitalização. Não obstante, tais crianças, tiveram uma atitude de aproximação e, posteriormente, dubitativa em relação aos brinquedos, além de demonstrarem adequação à realidade. Conclui-se que possivelmente o brincar de crianças hospitalizadas apresenta comportamentos peculiares, levando-se em consideração aspectos peculiares, levando-se em consideração aspectos comuns que foram observados na totalidade da amostra. Contudo, o presente estudo não nos permite afirmar que as manifestações lúdicas observadas possam ser atribuídas às vivências exclusivamente hospitalares, apenas pôde-se considerá-las como características das crianças inseridas nesse contexto.

OFICINAS TERAPÊUTICAS COMO MEDIADORAS NO CONTATO E DA UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS PROJETIVAS EM CRIANÇAS INDÍGENAS GUARANI MBYA DE SÃO PAULO

Marília Martins Vizzotto (gleisepsico@hotmail.com)¹, Gleise Sales Arias¹, Tania Elena Bonfim¹, & Leila Salomão de la Plata Cury Tardivo²

¹Universidade Metodista de São Paulo, Brasil; ²Universidade de São Paulo, Brasil

Apresenta um relato de experiência que discute a importância do estabelecimento de um contato contínuo (*setting*) com crianças indígenas, através de oficinas terapêuticas, que possibilitou subsequente aplicação da técnica projetiva "Procedimento de Desenhos de Família com Estórias", com finalidade diagnóstica e psicoterapêutica. Trata-se de um recorte de projeto mais amplo que versava sobre o funcionamento familiar indígena. Participam deste estudo 4 crianças indígenas Guarani Mbya, com idades entre 6 e 10 anos, de uma aldeia de São Paulo, na qual as oficinas foram realizadas. No contexto das oficinas, a técnica gráfica permitiu a expressão de emoções e atitudes dispensando a linguagem verbal já que a comunicação entre indígenas e não indígenas oferece entraves (Guarani/ Portugêses). Observa-se que as tais entraves na expressão de sentimentos relacionados às vivências que as crianças desejavam relatar, foram amenizados ao longo da realização das oficinas. Tal técnica permitiu acesso a aspectos psicológicos estruturais/dinâmicos suscitados no material projetivo, relativamente livres dos vieses interpretativos provenientes da cultura não indígena. Ressalta-se que nem todo conteúdo psíquico expressado na produção gráfica pode ser analisado sob a perspectiva clínica validada para a população não indígena ocidental. Isso remete à necessidade de estudos específicos de validação de instrumentos projetivos para tais populações. Mesmo assim, a experiência permite falar da importância da técnica projetiva como promissor instrumento de avaliação e intervenção psicológica em minorias étnicas, cujas diferenças culturais e de linguagem desfavorecem a utilização de instrumentos construídos a partir de referenciais não indígenas.

O PAPEL DO BRINCAR NO ENCANTAMENTO HUMANO

Maristela Pedrini (maristelap@terra.com.br)¹, Cristiane Zago², & Bettina dos Santos²

¹Universidade do Porto; ²Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

O presente artigo tem como finalidade apresentar reflexões sobre o papel do lúdico no desenvolvimento saudável do ser humano a partir dos aportes teóricos da teoria de Jean Piaget e de Lev S. Vygotsky, revisitando suas concepções teóricas sobre o brincar. Ainda, busca-se